Ano XIII — Lisboa, Janeiro de 1957 — N.º 141

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA
TELEFONES:
Red. 636607 — Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

"QUE CADA UM CUMPRA O SEU DEVER"

A batalha que imortalizou Nelson, tornou também célebre a frase proferida no momento grave de decidir o memorável pleito em que a Inglaterra, sua pátria, estava envolvida. O glorioso Almirante, ao afirmar solenemente aos seus bravos marinheiros: «A Inglaterra espera que cada um cumpra o seu dever», tinha plena consciência de que bastaria cada homem assumir inteira responsabilidade da missão que lhe competisse na luta, para que a vitória estivesse antecipadamente assegurada.

O cumprimento do Dever é, em todas as circunstâncias, a garantia do êxito de qualquer tarefa. O Mundo precisa hoje, mais do que nunca, de homens capazes de cumprir o seu dever, através de todas as eventualidades, fiéis aos imperativos de uma consciência digna e esclarecida, e, sobretudo, com aquele devotamento generoso que esquece os interesses próprios. A raiz de muito sofrimento humano deve procurar-se no facto do homem ter preterido o seu dever em benefício de interesses e apetites, colocando como supremo ideal da vida a sôfrega satisfação de mesquinhas ambições. A maior angústia do coração humano é provocada pela injustiça daqueles que exercem poder ou domínio sobre os seus irmãos mais fracos ou desprotegidos, atraiçoando vilmente o seu dever.

Os últimos momentos do ano de 1956 sumiram-se já no passado histórico. Não foram felizes. O ano, iniciado em ambiente de esperança, terminou numa atmosfera de desespero e angústia. Foram tristes os dias que findaram.

Parece que os homens quiseram assinalar esta data, decidindo ignorar toda a ética em que se fundamentam os altos princípios da dignidade humana, o respeito pela palavra dada, os elevados conceitos de honra, a consideração devida à personalidade humana; tudo o que representa reverência pela vida, sentimento tão bem expresso pelo grande Schweitzer, tem sido assustadoramente esquecido. Parece que o homem está disposto a voltar as costas a todas as conquistas do espírito humano e retroceder à época das cavernas. Porém, se o fizer, não poderá subsistir. Se então o homem pode sobreviver, foi porque habitava um mundo que lhe parecia infinito, vivia nele quase isolado, limitava o seu poder aos acanhados limites das possibilidades de locomoção e de conhecimento. Hoje o mundo tornou-se demasiadamente pequeno. Não mais poderemos viver isolados, divididos por barreiras de credos ou de opiniões; teremos de conviver, depender uns dos outros. Brancos, negros e amarelos, todos são vizinhos. Isto exige respeito pelos altos princípios de dignidade da pessoa humana, sem o qual o homem passaria a governar-se pelos primitivos instintos da animalidade. Precipitado em tal caminho, lançaria fatalmente mão da assombrosa capacidade técnica que tem conquistado e lavraria a inevitável sentença da sua autodestruição. É este o alarmante e sério aviso lançado pelos grandes pensadores e cientistas, à frente dos quais se encontra o ponderado Bertrand Russel.

Mas, outro grande perigo surge — o Desespero. Precisamos de ter uma noção clara da grave situação que a humanidade atravessa. Não podemos tapar os ouvidos aos clamores que terrìvelmente ecoam em tantos cantos da Terra. No entanto, temos de evitar o desânimo, vencer o desespero, sentimentos que sòmente poderiam contribuir para precipitar a tragédia. A situação não está perdida. A alma humana conserva extraordinárias capacidades de amor e de generosidade. Urge procurar desenvolver as virtudes ainda intactas no coração humano, e, sobretudo, procurar fomentá-las na alma da juventude. Dizia Baden-Powell que no pior rapaz há sempre e pelo menos cinco por cento de virtudes. A tarefa es-

(Conclui na 2.ª página)

O XII aniversário do «Sempre Pronto»

«Sempre Pronto» entra com o presente número no XIII ano de publicação. Cumpre-nos assinalar o facto e fazemo-lo com satisfação. Esta regularidade, com que os anos do nosso mensário se vão sucedendo, constitui uma verdadeira homenagem aos amigos do «Sempre Pronto». São eles o sustentáculo deste trabalho e a eles se deve, portanto, o êxito desta publicação.

Neste aniversário, ao apresentarmos as felicitações a todos os nossos colaboradores e amigos, lançamos conjuntamente um apelo para que todos cooperem na Campanha de Assinaturas que estamos desenvolvendo. Se atingirmos as 500 assinaturas do nosso alvo, certamente que «Sempre Pronto» sairá completamente remodelado, especialmente com mais gravuras e melhor papel.

Atingiremos o alvo se os nossos leitores quiserem. O «Sempre Pronto» pertence-lhes e só eles poderão contribuir eficazmente para o seu desenvolvimento.

• o •

Timor — Orgulho de Portugal

A Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, de cooperação com o «Sempre Pronto», promove no dia 12 de Janeiro corrente, às 21.30 horas, em local que será oportunamente indicado na imprensa diária, uma sessão na qual o antigo escoteiro e escritor sr. Manuel Ferreira fará uma conferência com o título acima.

Esta sessão servirá também para despedida do ilustre conferente, que em breve partirá para reocupar o seu posto no funcionalismo da nossa Província de Timor.

ANO NOVO

«Sempre Pronto» deseja a todos os seus assinantes, leitores e amigos um Ano Novo próspero e feliz.

ACTUALIDADES ESCOTISTAS



Os novos lobitos do Grupo 94 com o seu chefe interino, o Escoteiro José Eduardo P. Ribeiro.



Guias de Portugal das Companhias «Rainha D. Leonor» e «D. Filipa de Vilhena» visitaram o Castelo de S. Jorge.



Novas assinaturas para o «Sempre Pronto»

Campanha Centenário de Baden-Powell

Prosseguem os trabalhos da nossa Campanha. Durante o presente mês foram propostas mais novas assinaturas por:

Joaquim Rocha Saraiva,	Grupo 44, Gaia	3
José Eduardo Pena Ribeiro,	» 94, Lisboa	4

Registámos no último número 66 assinaturas, mas houve um lapso de uma assinatura, o que reduziu a 65. Portanto, com as 7 registadas agora, somam 72 assinaturas. Quem propuser a 75.ª assinatura terá um prémio especial, além de todos os prémios a que tenha direito e da senha para o sorteio da agradável viagem a Madrid e 4 dias de estadia naquela capital.

A classificação por patrulhas é a seguinte:

Patrulha «Cão»	do Grupo 94	10	assinaturas
» «Águia»	» 94	4	»
» «Bisão»	» 10	4	»
» «Lobo»	» Pedro Álvares Cabral	4	

Das outras assinaturas não nos foram indicadas as patrulhas.

Caro Leitor: Mande-nos uma nova assinatura. Coopere nesta Campanha.

"Que cada um cumpra o seu dever"

(*Conclusão da 1.ª página*)

coteira consiste em desenvolvê-las até uma proporção de noventa ou noventa e cinco por cento.

Jesus Cristo também proclamou ter vindo a este mundo para que o homem tivesse vida e vida com abundância. Há que proporcionar essa vida abundante do Evangelho a todos os homens, almas lavadas pelo sacrifício do Salvador, e lançar na balança da vida social todas as virtudes do Amor e da Generosidade, restabelecendo com elas o equilíbrio que parece perdido pela trágica influência do Ódio e do Egoísmo, fazendo renascer a esperança nos corações.

A nossa grande tarefa — diz-nos B.-P. — é procurar deixar este mundo um pouco melhor do que o encontrámos. Seja este o supremo objectivo da nossa acção e, neste princípio de Ano Novo, entremos decididamente na luta, e «que cada um cumpra o seu dever».

Será no fiel cumprimento do Dever, no exemplar desempenho de todas as tarefas e na fidelidade aos imperativos da dignidade do Homem, que o Mundo encontrará o caminho da Paz e da reabilitação social.

Escotismo para cegos

Os jovens cegos têm agora à sua disposição o famoso livro de Baden-Powell «Escotismo para Rapazes». A Associação dos Escoteiros do Canadá apresentou-o, em 13 de Maio passado, numa edição em Braille entregue ao Instituto Nacional Canadiano para Cegos, para a sua biblioteca circulante de Toronto.

O Secretário do Distrito desta Instituição aceitou a oferta, constituída por cinco volumes, das mãos de Fred J. Finlay, Comissário Chefe Executivo da Associação Canadiana de Escoteiros.

A obra foi comprada aos editores, o Instituto Nacional Canadiano para Cegos, de Londres. A edição em Braille é completa com diagramas, incluindo muitos dos desenhos de B.P., ilustrando a forma de fazer nós, observação, conhecimentos da natureza, insígnias e distintivos do Movimento Escoteiro.

Dos amigos do "SEMPRE PRONTO"

De Luto — Pelo falecimento do seu Pai, ocorrida em 11 de Outubro passado, encontra-se de luto o nosso estimado assinante sr. Almerindo Gonçalves Fernandes, antigo escoteiro da grupo 2, a quem apresentamos condolências sentidas.

De parabéns — O lar do nosso estimado amigo e chefe do Grupo n.º 79, sr. Fernando de Carvalho, e de sua Ex.ma Esposa, foi enriquecido com a chegada, em 4 de Dezembro p. p., do seu primogénito.

Aos felizes pais e ao novo «lobito» apresentamos votos de muitas prosperidades.

O Aniversário do Grupo n.º 2

O nosso dedicado assinante sr. Almerindo Gonçalves Fernandes, impossibilitado de comparecer, por luto, às comemorações de aniversário do grupo n.º 2, pede-nos para sermos intérpretes das suas saudações de felicitações ao «velho 2», o que fazemos com prazer, agradecendo as saudações que igualmente nos endereça.



Recompensa de uma boa acção

No ponto mais alto da cidade, sobre uma pequena coluna, erguia-se a estátua do Príncipe Feliz.

Era toda revestida de folhas de oiro fino. No lugar dos olhos tinha duas brilhantes safiras; e um grande rubi vermelho ardia no punho da sua espada. Todos a admiravam.

— É tão bela como um catavento — notava um dos vereadores da Câmara, que pretendia alcançar a reputação de pessoa versada em arte.

—Apenas não é tão útil — acrescentava, com receio de que o considerassem um homem pouco prático. E, certamente, não o era.

— Porque não és tu como o Príncipe Feliz? — perguntava uma delicada mãe a seu filho que lhe pedia a lua. —O Príncipe Feliz nunca teria pensado em pedir qualquer coisa, que fosse impossível de dar.

— Sinto-me feliz por haver alguém no mundo inteiramente feliz — murmurava um homem, que nunca tinha conseguido triunfar, contemplando a maravilhosa estátua.

— Tem verdadeiramente *o aspecto* de um anjo! — diziam os meninos do coro saindo da Catedral, vestidos com soberbos mantos escarlates e lindas sobrepelizes brancas.

— Porque dizeis que é um anjo se nunca vistes nenhum? — replicou o professor de matemática.

— Oh! temo-los visto em sonhos — respondiam as crianças.

E o professor de matemática franzia as sobrancelhas e tomava um ar severo, porque não podia aprovar que crianças se permitissem sonhar.

Certa noite, uma pequena Andorinha, voou em rápido voo, para a cidade. Havia seis semanas que todas as suas companheiras tinham partido para o Egipto, e ela ficara atrasada. Estava enamorada do mais belo dos juncos. Tinha-o encontrado no princípio da primavera, quando voava, sobre a ribeira atrás de uma grande borboleta amarela; e a sua figura esbelta atraiu-a tanto que parou para lhe falar.

—Gosto de ti! — disse a Andorinha, que preferia ir direita ao fim. E o junco fez-lhe uma saudação profunda.

Então a Andorinha esvoaçou em volta dele, aflorando a água com suas asas e deixando nela rastos de prata. Era esta a sua maneira de cortejar; e assim decorreu todo o estio.

— É uma inclinação ridícula! — chilreavam as outras andorinhas;—o junco é um pobretana e tem uma família numerosa.

A ribeira estava efectivamente coberta de juncos.

Quando chegou o Outono, todas as outras andorinhas tomaram voo. Depois de terem partido, a sua amiga sentiu-se só e começou a aborrecer-se do apaixonado.

— Não sabe conversar — dizia ela — e receio também que seja inconstante porque brinca a todo o momento com a brisa.

E, de facto, sempre que esta aparecia, o junco multiplicava as suas mais graciosas cortesias.

— Reconheço que ele é sedentário — murmurava a Andorinha.—Eu gosto de viagens. Portanto, quem gostar de mim há-de também gostar de viajar comigo.

— Queres acompanhar-me? — perguntou-lhe ela finalmente.

Mas o junco abanou a cabeça. Estava preso ao torrão.

— Tens estado a zombar de mim — exclamou a Andorinha.— Vou para as pirâmides, adeus.

E foi-se embora. Voou todo o dia e à noite chegou à cidade.

— Onde encontrarei um abrigo? — pensou ela.—Espero que a cidade tenha feito preparativos para me receber.

Viu, então, a estátua sobre a pequena coluna. — Vou acolher-me ali — gritou ela. —O sítio é bonito e o ar é puro.

E foi poisar entre os pés do Príncipe Feliz.

— Tenho um quarto doirado — disse baixinho, depois de ter olhado à sua volta.

E preparou-se para dormir; mas, quando ia meter a cabecita debaixo das asas, caiu sobre ela uma grossa gota de água.

— É extraordinário! — exclamou. Não há no céu uma nuvem, as estrelas cintilam brilhantes e límpidas, e eis que chove! O clima do norte da Europa é singular! O junco apreciava a chuva, mas era puro egoísmo da sua parte.

Caiu então uma nova gota.

— Para que serve uma estátua, se não protege da chuva? — disse ela. — Vou procurar abrigo numa chaminé.

E decidia-se a levantar voo; mas antes de abrir as asas caiu uma terceira gota.

Olhou para cima e viu... Oh! que viu ela?

Os olhos do Príncipe Feliz estavam marejados de lágrimas, e as lágrimas corriam pelas faces de oiro. O seu rosto era tão belo ao luar que a pequena Andorinha se sentiu tocada de piedade.

— Quem és tu? — perguntou-lhe.

— Sou o Príncipe Feliz.

— Então porque choras assim? Quase me deste um banho.

— Quando eu era vivo e tinha um coração humano — replicou a estátua — não sabia o que eram lágrimas, porque vivia no palácio do Sem-Cuidados, onde não é permitida a entrada à tristeza. De dia, divertia-me com os meus companheiros no jardim; e, à noite, dançava no vasto salão. Em volta do jardim corria um muro muito alto e nunca tive curiosidade de saber o que havia para além desse muro, porque tudo o que me cercava era belo.

"Os meus cortesãos chamavam-me o Príncipe Feliz e de facto eu era inteiramente feliz, se a felicidade consiste no prazer. Assim vivi e assim morri. Agora, depois de morto, ergueram-me tão alto que posso ver todas as fealdades e misérias da cidade; e, embora o meu coração seja de bronze, não tenho outro remédio senão chorar.

— Quê! pois ele não é de oiro maciço? — disse a Andorinha para consigo, que era suficientemente bem educada para saber que não se devia fazer comentários em voz alta, sobre as pessoas.

— Lá baixo, — continuou a estátua, com sua voz suave e musical—lá baixo, numa rua estreita, está uma casa pobre. Tem uma das janelas abertas, através da qual vejo um menino que queria ser lobinho, mas como não tem dinheiro para comprar a farda, está sentado chorando. Andorinha, Andorinha, pequena Andorinha: queres levar-lhe tu o rubi do punho da minha espada para ele poder comprar a farda?

— Sou esperada no Egipto — respondeu a Andorinha — mas fico contigo esta noite para te auxiliar, visto que és bom.

— Obrigada, querida Andorinha — respondeu o Príncipe.

Então a Andorinha arrancou o grande rubi da espada do príncipe e, levando-o no bico, conduziu seu voo por cima dos telhados da cidade. Passou por cima da torre da Catedral, onde havia anjos esculpidos em mármore branco. Passou sobre o palácio e ouviu música de dança. Passou sobre o bairro judaico e viu os velhos judeus que faziam negócios entre si. Finalmente, chegou à pobre habitação e relanceou o olhar. A criança chorava cada vez mais.

Entrou no quarto e pôs o rubi em cima da mesa, saindo em seguida.

Então a criança logo que viu o rubi, correu a dá-lo à mãe. Soube-se depois que foi um dos melhores lobinhos da cidade.

Então a Andorinha voou ràpidamente para junto do Príncipe Feliz e contou-lhe o que tinha feito.

— É curioso — observou ela — agora sinto calor e todavia está bastante frio.

— É por teres praticado uma boa acção — replicou o Príncipe.

E a pequena Andorinha adormeceu feliz. Quando rompeu a aurora, voou até à ribeibeira, e tomou um banho.

— Eis um notável fenómeno! — exclamou o professor de ornitologia. — Uma Andorinha no Inverno!

—Esta tarde parto para o Egipto,—projectou a Andorinha.

E logo que nasceu a lua, voltou ligeira para o pé do Príncipe Feliz.

— Queres alguma coisa para o Egipto? — gritou-lhe ela. — Estou de marcha.

—Andorinha, Andorinha, pequena Andorinha — disse-lhe o Príncipe — não queres ficar comigo ainda uma noite?

— Não posso, amigo Príncipe, já me atrasei.

—Andorinha, Andorinha, lá baixo, do outro lado da cidade, vejo um jovem numas águas-furtadas. Está debruçado sobre uma secretária coberta de papéis, e, a seu lado, um ramalhete de flores vermelhas. Esforça-se por concluir uma peça para o empresário de teatro, mas tem muito frio e não pode escrever mais. Não tem lume onde se aqueça e desfalece de fraqueza.

—Ficarei ainda mais uma noite contigo —disse a Andorinha que tinha bom coração. —Queres que lhe leve outro rubi?

— Já não tenho mais rubis — disse o Príncipe.— Os meus olhos são duas raras safiras vindas da Índia, tira um e leva-lho. Ele irá vendê-lo e comprará lenha para se aquecer e comida para se alimentar.

— Querido Príncipe,— disse a Andorinha — não posso fazer isso! — E pôs-se a chorar.

— Andorinha, Andorinha, faz o que te peço.

A muito custo, a Andorinha arrancou-lhe a safira e levou-a ao jovem, que vendo-a exclamou:

— Começo a ser apreciado, deve ser oferta de algum rico admirador. Agora acabarei a minha obra.

A Andorinha, muito feliz, voltou para o Príncipe Feliz e disse-lhe:

— Venho dizer-te adeus.

— Andorinha, Andorinha, lá em baixo, na praça, está uma pequena vendedeira de fósforos. Deixou cair os fósforos na valeta e estragaram-se. Seu pai espancá-la-á, se não levar algum dinheiro. Não tem sapatos nem meias, a sua cabecita está descoberta, não queres ficar comigo mais esta noite?

— Ficarei contigo a última noite, mas não posso arrancar-te o outro olho. Ficarias completamente cego.

— Andorinha, Andorinha, faz o que te peço.

Então a Andorinha a chorar, tirou o outro olho do Príncipe, e partiu levando-o. Desceu sobre a pequena vendedeira e deixou-lho cair na mão.

(Conclui na 6.ª página)

Antigos Escoteiros

Objectivos do Escotismo

Editorial de «The Fellowship Bulletin» da Fraternal Internacional dos Antigos Escoteiros e Guias — Junho de 1956.

O principal fim da nossa Fraternal é «ajudar os Antigos Escoteiros e Guias a guardarem vivo nas suas próprias vidas o espírito da Lei e da Promessa Escoteira e Guia».

A promessa original, reconhecida internacionalmente, dá o primeiro lugar ao dever para com Deus. — Colectivamente, individualmente, os companheiros da Fraternal estarão realmente fazendo o seu melhor para cumprir este dever e ajudar, pelo seu exemplo, os outros a fazerem outro tanto?

Presentemente, não está no nosso espírito estudar a fundo este problema, mas esperamos que no futuro outros mais qualificados, quer ministros quer leigos, homens ou senhoras, quererão tratar, por nós, deste assunto, segundo as suas próprias crenças, expondo a forma como este dever poderá ser melhor cumprido por Antigos Escoteiros e Antigas Guias.

A nossa intenção, neste momento, é simplesmente chamar a atenção dos nossos companheiros para algumas passagens que o nosso Fundador, B.-P., escrevia de tempos a tempos, sobre o assunto da Religião. Isto não é mais do que prosseguir na linha traçada no nosso último editorial: «Desenvolver no decurso deste ano certos aspectos da vida do Fundador».

Primeiramente, no «Escotismo para Rapazes», (página 256 da Edição Fraternidade Mundial), B.-P. escreveu:

«O homem de pouco vale se não acreditar em Deus e obedecer às Suas leis. Por isso, todo o Escoteiro deve ter uma religião.

«A religião parece uma coisa muito simples:

«Primeiro: *Amar e servir a Deus.* Segundo: *Amar e servir o próximo.*

«Ao cumprirmos os deveres para com Deus, sejamos-lhe sempre gratos. Sempre que apreciarmos um prazer ou um bom jogo ou conseguirmos fazer algum bem, demos-lhe graças, como uma ou duas palavras pelo menos, como fazemos às refeições. É hábito excelente pedirmos também pelos outros. Por exemplo, ao ver partir um comboio, peçamos a Deus por todos os que nele viajam.

«No cumprimento dos nossos deveres para com os homens, sejamos úteis e generosos e sejamos também gratos por qualquer serviço que nos prestem e procuremos mostrar que o somos.

«Enquanto andamos neste mundo, tentemos fazer algum bem que permaneça depois de nós».

Alguns têm pretendido que tudo isto é demasiado simples, mas para raparigas e rapazes e mesmo para homens ou mulheres, isto é, pelo menos, uma base sólida sobre a qual podem ser construídas as suas crenças pessoais e as suas acções.

Dez anos mais tarde, dizia aos Chefes na sua «Agenda» mensal:

«A forma natural da religião é tão simples que uma criança a pode compreender, um rapaz pode compreendê-la — um Escoteiro pode compreendê-la. Vindo esta compreensão do próprio entendimento, da sua consciência, da sua observação, do seu amor, para ser usado em tudo aquilo que faz. Isto não é uma simples formalidade ou um hábito dogmático criado pelo mundo exterior para ser usado em dia de Domingo. É, portanto, uma verdadeira parte do seu carácter, um desenvolvimento da alma e não um simples verniz para dar «aspecto».

«Não quero dizer que desejemos afastar o rapaz da fé dos seus Pais. Tal pensamento está longe de nós. O nosso fim é dar-lhe os melhores fundamentos para esta fé, desenvolvendo no rapaz percepções que são acessíveis ao seu entendimento».

O pai de B.-P. era um cientista e um Pastor da Igreja Anglicana, combinação que vamos encontrar em toda a vida e pensamentos do nosso Fundador. B.-P. era um cristão sincero, mas não teve nunca intenção, como expressou acima, de desviar os Escoteiros não cristãos da Fé dos seus Pais. No prefácio do «Escotismo para Rapazes da Índia», (de que será feita uma nova edição no próximo ano em onze dos principais dialectos hindus) escrevia em Junho de 1923:

«*Para Deus nós somos, para Deus nós vamos.* Este texto do Corão,

(Conclui na 5.ª página)

Uma grande iniciativa

Como participante na I Conferência de Guias de Patrulha dos Grupos Evangélicos de Lisboa, não quis deixar passar esta ocasião sem escrever umas linhas a respeito desta tão grande iniciativa.

Numa altura em que o Escotismo em Portugal apresenta uma faceta pouco agradável, este Congresso veio como que levantar os ânimos e mostrar que ainda existem elementos que se esforçam pelo Escotismo.

Estes elementos são nada menos que os guias de patrulha.

De facto, foi um êxito autêntico esta colaboração de guias, e daí nasceram ideias que vão certamente revolucionar as patrulhas; pelo menos as daqueles que assistiram e participaram no Congresso.

Nunca se esperava que os guias de patrulha fizessem tão óptimo trabalho, de facto, de pouco menos de uma dúzia de rapazes, apareceu tão bom trabalho, que se poderia igualar aos melhores que o escotismo tem produzido.

Desculpem-me esta expressão, mas como devem calcular estamos todos muitos satisfeitos e cheios de alegria.

As teses que ouvímos e as conclusões que tirámos, irão certamente melhorar de uma maneira muito grande as nossas patrulhas, pois nós tratámos de todos os pontos para o bom funcionamento de uma patrulha, quer pelo lado prático, quer pelo lado teórico.

Ouvindo as opiniões que os guias davam nas suas teses, descobrímos muitas coisas que não aplicávamos nas nossas patrulhas, e se aplicávamos não eram tão perfeitas como aquelas que ouvímos e discutímos.

De facto, todos os guias apresentaram trabalhos de grande interesse não só para as patrulhas, mas também para o escotismo em geral.

Pena foi que os nossos irmãos guias de patrulha de outros grupos, não tivessem correspondido ao nosso convite para assistirem aos trabalhos, porque eles, tenho a certeza, iriam desvendar muitas coisas que certamente desconhecem.

Assim, apenas poderão limitar-se a ler as conclusões e aplicá-las, se quiserem, nas patrulhas, mas estou certo que quando outro congresso se realizar eles dar-nos-ão todo o apoio, colaborando connosco.

Assim nós, guias dos grupos Evangélicos de Lisboa, aplicámos e com toda a alma o 8.º artigo da nossa Lei, e é das iniciativas que o Escotismo vive e progride.

ARMANDO GARCIA INÁCIO
(Guia da patrulha Águia do grupo «94»)

Não há impossíveis

Era o coronel Piçarra um verdadeiro erudito e profundo conhecedor da actividade prodigiosa dispendida pelos portugueses no século XIX em África. Por isso, ao organizar-se em Lisboa uma exposição histórica evocativa da nossa ocupação ultramarina, o coronel foi indicado para se ocupar, em especial, da acção militar.

Tinha o coronel ao seu serviço dois auxiliares: Rodrigo e Venâncio.

Assim, em certo dia, dirigiu-se ao primeiro:

—Meu caro Rodrigo: Na exposição que se irá realizar, tencionamos prestar homenagem — e bem merecida ela é — ao almirante Muzanty. Com efeito, João Augusto de Oliveira Muzanty foi governador da Guiné e tomou parte em várias campanhas de pacificação em que se cobriu de glória. Ainda hoje, os indígenas daquela Província falam, com respeito, daquele herói. A homenagem a prestar será a exibição, além do retrato e de alguns documentos existentes nos diversos arquivos oficiais, do chapéu armado, da espada e das condecorações. Ora, o almirante faleceu este ano. É preciso, portanto, descobrir onde vive a família, a fim de se lhe pedir a fineza de ceder esses objectos para a exposição. Entendido?

Rodrigo, que era rapaz um tanto descuidado, respondeu prontamente:

— Sim, senhor coronel, vou já tratar disso. Esteja descansado que, em pouco tempo, cá estarão o chapéu, a espada e as condecorações, se a família — como é natural — os ceder...

— Muito bem, Rodrigo. — retorquiu o coronel Piçarra. — Dou-lhe sete dias de prazo. Sempre quero ver como o senhor se desempenha desta missão.

Passada uma semana, o coronel Piçarra chamou, novamente, Rodrigo ao seu gabinete:

—Então, Rodrigo, que tal a missão de que eu o encarreguei?

O auxiliar gaguejou:

— Ó senhor coronel, eu realmente, tenho procurado... Mas é muito difícil saber onde vive a família... Lisboa é tão grande. Vá lá agora adivinhar...

A fisionomia, habitualmente risonha, do coronel, endureceu. Quis responder severamente e a custo encobriu o seu desagrado:

— Quer dizer, senhor Rodrigo, que não conseguiu nada.

— Sim ... Mas, o senhor coronel dá-me mais uns dias de espera e eu prometo-lhe...

— Não prometa, por que já vejo que não é capaz de *entregar a carta a Garcia*...

Assim falando o coronel Piçarra chamou Venâncio, a quem expôs o seu desejo.

— Sim, senhor coronel, nada mais fácil!

— O quê? Não acha difícil? — perguntou, vivamente, o coronel.

— Não, senhor coronel; eu fui escoteiro, nos meus bons tempos de rapaz — retorquiu o auxiliar.

— E eu também, meu caro Venâncio. Por isso, tenho a certeza de que não há-de demorar muito a desempenhar-se do encargo de que o incumbi. Dou-lhe também o prazo de sete dias.

Daí a uma hora, estava de volta o Venâncio:

— Já encontrei a residência da viúva do almirante Muzanty. A senhora está disposta, muito gentilmente, a emprestar as recordações de seu marido para a exposição. Basta apenas um recibo do senhor coronel.

O coronel Piçarra ficou admirado com a rapidez de Venâncio:

— O senhor é esplêndido para estes trabalhos! O que o seu colega não fez numa semana, obteve-o o senhor numa hora. Muito bem. Mas, agora pergunto, como conseguiu isso em tão curto espaço de tempo?

— Nada mais fácil, senhor coronel. Como o governador Muzanty tivesse sido almirante, pensei ir ao Ministério da Marinha, onde certamente me informariam da residência da família. Mas, houve um pormenor que o senhor coronel citou e me não esqueceu — o de que o governador Muzanty havia falecido este ano. Portanto, procurei na lista dos telefones e num instante encontrei o endereço. Como o senhor coronel vê, não houve nada mais fácil... É que há uma palavra que o escoteiro desconhece...

— Qual?—perguntou, curioso, o coronel.

— A palavra *impossível*... — concluiu, sorridente, o Venâncio

MANUEL FERREIRA

Objectivos do Escotismo

(Conclusão da 4.ª página)

não será para todos nós, o melhor conselho para ajustar as nossas vidas? *Para Deus nós somos* — seja qual for a nossa religião ou país; como servidores de Deus, o nosso cuidado principal deverá ser fazer a Sua Vontade durante a nossa curta estadia na Terra até ao momento em que nós voltaremos para Deus».

É assim que o Fundador de ambos os nossos Movimentos aconselha e encoraja Escoteiros e Chefes. Fá-lo nos mesmos termos para as Guias e suas Chefes. Um ano mais tarde dizia no seu Ponto de Vista: «No Movimento Escoteiro e Guia temos simplesmente apresentado aos rapazes e raparigas as bases simples da religião; depois temo-los incitado a pô-las em prática. Estas bases são tão simples e tão fundamentais que o Escotismo aparece, aos olhos dos críticos superficiais, como *sem religião*. Mas quem estuda e utiliza o Escotismo sabe que assim não é.

«Temos apresentado estas bases tal como Cristo as ensinou nos seus dois mandamentos:

AMARÁS AO SENHOR TEU DEUS DE TODO O TEU CORAÇÃO; e o segundo, semelhante a este, é: AMARÁS AO TEU PRÓXIMO COMO A TI MESMO. Destes dois mandamentos depende toda a Lei e os Profetas (ou seja a Sagrada Escritura).

«A renúncia própria e o desenvolvimento deste amor, que compreende Deus, leva uma mudança total ao coração do indivíduo e com ele a esperança do verdadeiro Céu. Faz dele um ser diferente. A pergunta modifica-se naturalmente: Não é mais — que posso eu OBTER, mas que posso eu DAR na vida?».

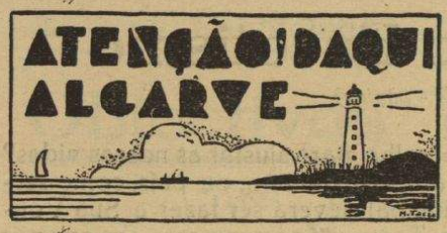
Finalmente, olhando para o futuro: «Quando nós tivermos um fermento de cidadãos desta têmpera na nossa Nação, pondo os princípios cristãos em prática nas suas ocupações diárias, haverá menos diferenças de classe na sociedade e mais fraternidade profundamente cordial, de maneira que mesmo o patriotismo nacional não será o expoente mais elevado dos objectivos do homem, mas antes uma boa vontade activa para uma cooperação com os semelhantes do mundo inteiro, pois todos somos filhos dum mesmo Pai».

Os princípios e fins da nossa Fraternal Internacional poderiam ser melhor expressos?

B.-P. viveu plenamente e com êxito os seus próprios princípios «de tentar fazer alguma coisa de bom que permaneça depois de nós». As suas últimas palavras, preciosamente registadas, foram:

«Com plena confiança deixo tudo nas vossas mãos (...) e rogo que Deus vos abençoe e faça frutificar os vossos esforços».

Este número foi visado pela Comissão de Censura



Grupo n.º 6—Olhão

Comemorações do 1.º de Dezembro

Quando o 1.º de Dezembro era considerado feriado obrigatório, este Grupo costumava comemorar com certa grandiosidade esta data patriótica, promovendo desfiles e festas públicas no seu campo de jogos. Agora, nem todos os seus elementos poderiam colaborar em tais manifestações.

Por isso, este ano, limitou-se à cerimónia de hastear a Bandeira Nacional, perante as honras prestadas pelos lobitos e escoteiros, na sua quase totalidade.

À noite, realizou uma festa, que teve a assistência de muitas pessoas das famílias dos escoteiros e dos lobitos.

Usaram da palavra os escoteiros Fernando de Brito Nunes, subguia da Pat. «Águia»; José Baptista, subguia da Pat. «Galo»; Mário Coelho Proença Leonardo, guia da Pat. «Águia» e José Manuel da Costa Dias, guia da Pat. «Andorinha».

O Chefe do Grupo fez algumas considerações sobre a comemoração.

Foram entregues lembranças a lobitos e escoteiros, que mais se distinguiram durante o 3.º trimestre deste ano, pela sua assiduidade, dedicação e comportamento escotista; foi imposta a 1.ª Estrela (classe) aos lobitos Albertino Baptista Formosinho e Manuel José dos Santos; foram entregues estrelas de antiguidade e colocadas as «pescadas» a diversos guias e subguias de bando e de patrulha. Foram também entregues os galhardetes de «ASSIDUIDADE» e de «HONRA E MÉRITO», ambos ganhos pela Pat. «Águia», no 3.º trimestre.

Terminou esta segunda parte do programa com a passagem do lobito José Matias Sancho para a Divisão de Escoteiros; a Promessa do aspirante a lobito João Aurélio Vieira dos Santos e o Compromisso de Honra do ex-lobito Miguel Lucas Nunes Escolástico. Aquele foi colocado no Bando Castanho e este, na patrulha «Tigre».

Encerrou-se a festa com um animado programa recreativo e com os hinos da A. E. P. e Nacional.

Actividades de campo

Este Grupo tem continuado a fazer actividades de campo de dois em dois domingos e a utilizar a parte da manhã dos outros domingos na prática de ginástica e de jogos escotistas, quer no seu próprio campo de jogos, quer nos arredores de Olhão.

Das actividades de campo, as mais interessantes foram as seguintes:

No mês de Outubro:

Dia 7 — Excursão pedestre em que tomaram parte alguns escoteiros.

Dia 14 — Saída da Patrulha de Estudos para exploração das Furnas da Palhagueira. Foi uma actividade bastante interessante e instrutiva, pois, além da sua beleza surpreendente, a gruta apresenta bastante matéria para estudo. A sua exploração é algo emocionante, porque não é isenta de certos riscos, quer pelo labirinto das suas «salas» e galerias, onde é fácil perder-se o rumo, quer pelo perigo que certas passagens apresentam.

Dia 21 — Disputa do Troféu «Custódio Quintas», cujo relato o «S. P.» já publicou.

No mês de Novembro:

Dia 1 — Bivaque das 4 patrulhas do Grupo, na Mata de Belomonte. Organização e direcção dos próprios guias.

Dia 18 — Bivaque do Grupo no Mato Joinal. Organização e direcção do Chefe do Grupo. Nesta actividade praticou-se bastante sobre trabalhos de cozinha, pois cada patrulha preparou o seu próprio almoço, sobre provas de campo, de 2.ª classe, e sobre «grandes jogos».

Curso de preparação para Guias de Patrulha

Desde os princípios de Outubro, e sob a direcção do próprio Chefe do Grupo, recomeçou este curso, cuja frequência é de mais de uma dúzia de escoteiros. Os resultados têm sido satisfatórios.

I Conferência de Guias de Patrulha dos Grupos Evangélicos de Lisboa

Os grupos de escoteiros de inspiração evangélica promoveram, de 7 a 9 de Dezembro passado, esta Conferência de Guias de Patrulha, que parece ser a primeira actividade do género realizada no nosso país. No dia 7, realizou-se a sessão inaugural. Presidiu o Guia José Eduardo Pena Ribeiro, que apresentou a Conferência e agradeceu a presença dos dirigentes escoteiros, particularmente do chefe do Grupo 79 e escoteiros do mesmo grupo, e de uma guia representando a Companhia de Guias de Portugal «Rainha D. Leonor».

O Guia Fernando Sanches referiu-se às finalidades da Conferência e manifestou o desejo de que ela pudesse contribuir para uma melhor eficiência da acção dos guias de patrulha. Depois disto, o Chefe Samuel Vieira proferiu uma palestra, na qual saudou os guias e lhes lembrou a importância do cargo que desempenhavam e do seu dever para com a obra do Escotismo.

Dirigiram palavras de saudação à Conferência os dirigentes srs. Armando Lino, que fez o elogio da palestra do Chefe Samuel Vieira, Capitolino Macedo, António Rodrigues, Idílio Gonçalves, Fernando de Carvalho, Joel Ribeiro e o director do «Sempre Pronto».

As sessões de trabalho efectuaram-se nos dias 8 e 9. Apresentaram interessantes teses os guias Armando G. Inácio, Fernando Sanches, António Vaz Sabino, Camilo Calvelas, José Lisboa, António Morais, António Vieira Pinto, e José Ed. Pena Ribeiro. Apresentou também esclarecidas considerações o guia José Carlos. Nos trabalhos tomaram parte representantes dos grupos 79 e 93 e das Companhias de Guias de Portugal «Rainha D. Leonor» e «Filipa de Vilhena».

Na sessão de encerramento, os Guias resolveram enviar telegramas de saudação aos srs. Presidente da A. E. P. e Escoteiro-Chefe-Geral, bem como saudações ao jornal «O Século»; «Diário Ilustrado» e «Diário de Lisboa.»

Ao fim da tarde de Domingo, realizou-se um jantar de confraternização, presidido pelo Rev. Dr. M. Conceição Jr., que decorreu no meio do maior entusiasmo e num ambiente de grande camaradagem. Os trabalhos encerraram com um serviço religioso. O Rev. José Vasco dos Santos fez um expressivo sermão sobre o valor da amizade, tomando como exemplo a camaradagem do Rei David e do Príncipe Jónatas. Focou o supremo exemplo de amor de Jesus Cristo para com todos os homens e lembrou que o Senhor disse que nós seríamos seus discípulos se fizéssemos o que Ele nos manda e que o Seu mandamento é que «nos amemos uns aos outros como Ele nos amou a nós». A amizade, base do Escotismo, é assim o primeiro mandamento cristão.

Na sua prece final, o Pastor pediu as bênçãos divinas para todo o Movimento Escoteiro, para seus Chefes e Dirigentes, para que possa realizar a obra que se propõe a bem da juventude de Portugal.

* * *

Esta Conferência organizada pelos

(*Conclui na 8.ª página*)

Os nossos contos

Recompensa de uma boa acção

(*Conclusão da 3.ª página*)

— Que lindo pedaço de vidro — exclamou ela! E correu para casa toda satisfeita.

A Andorinha, pesarosa, voltou para junto do Príncipe e disse-lhe:

—Agora, que estás cego, ficarei contigo para sempre.

—Não querida Andorinha, não! —respondeu o pobre Príncipe—precisas de ir para o Egipto.

— Ficarei sempre a teu lado — insistiu ela. E adormeceu entre os pés do Príncipe. Desde essedia, a Andorinha contava ao Príncipe as maravilhas do mundo. Falava-lhe do rio Nilo, das Pirâmides, da Esfinge, da grande serpente verde que dorme numa palmeira, enfim, era feliz por poder «auxiliar o próximo».

—Contas-me muitas maravilhas —disse o Príncipe, — mas o que os homens e mulheres suportam é mais maravilhoso ainda. Voa pela minha cidade e vem dizer-me o que por lá viste.

E a Andorinha assim fez.

Viu então duas criancitas, abraçadas uma à outra por causa do frio, debaixo da arcada duma fonte.

Veio o guarda e mandou-as embora por não ser permitido o estacionamento nesse lugar.

A Andorinha veio, e contou ao Príncipe.

Este, pediu à Andorinha, que dividisse pelos pobres as folhas de oiro fino que revestiam o seu corpo.

A Andorinha assim fez. E os pobres felizes diziam:

— Agora temos pão.

A neve chegou, cada vez mais frio, e a pobre Andorinha vendo o fim próximo disse ao Príncipe:

—Adeus, querido Príncipe, deixa-me beijar-te a mão.

E, fazendo-o, caiu morta aos pés do seu amigo. O Príncipe com o desgosto quebrou o coração de bronze em dois.

* * *

No dia seguinte, de manhã, o presidente da Câmara, passou pela praça. Ao olhar a estátua disse: — Meu Deus! Como o Príncipe Feliz parece andrajoso.

— O rubi da espada caiu, já não tem olhos e o oiro que o revestia desapareceu —observou o presidente.—Em suma, parece mais um mendigo que outra coisa.

— Parece mais um mendigo que outra coisa, — repetiram os vereadores.

— E tem aos pés um pássaro morto — disse o Presidente.—É preciso publicar uma postura proibindo as aves de virem morrer aqui!

Resolveu então o presidente, derrubar a estátua do Príncipe Feliz.

Levaram então a estátua para a fundição; e ficou resolvido que no lugar da estátua do Príncipe se pusesse outra. Mas como todos queriam ter uma estátua, ainda hoje estão em discussão.

Entretanto o chefe da fundição, vendo que o coração de bronze não se fundia, deitaram-no fora, ao pé da Andorinha.

— Traze-me as duas mais preciosas coisas que houver na cidade — disse Deus a um anjo.

O anjo levou-lhe o coração e a Andorinha.

— Escolheste bem — disse Deus. — Esta avezita há-de gorgear eternamente no meu jardim do Paraíso; e o Príncipe Feliz entoará os seus louvores na minha Cidade de Oiro.

FERNANDO SANCHES

PROVAS DE 1.ª CLASSE



ACAMPAMENTOS

7) Um mínimo de 10 noites debaixo de tenda, contadas desde a sua admissão.

Agora, que tens dez noites de acampamento, nenhuma das artes de campo, que constam do teu Manual de 2ª Classe, te são ignoradas. Não vou, por isso, fazer-te a ofensa de repetir aqui os cuidados necessários à instalação do acampamento da tua Patrulha. Da tua aptidão campista, já deste boas provas, mas pode ir ainda mais longe.

Que dizes a um acampamento da tua patrulha, para o qual não levasses tenda nem cantina, sem que, por este facto, deixasses de dormir em pleno campo, devidamente abrigado, e cozinhar a tua refeição?

Seria uma aventura curiosa! Mas isso é possível. Busca para acampar um pequeno bosque, onde possas dispor de lenha, ramos de árvores ou canas. Arranja três varas compridas, toscas, e prepara-te para construíres a tua própria cabana. Não oferece dificuldade. Certamente que já as tens visto nas tuas digressões pelo campo. Colocas as duas varas da frente em triângulo (gravura I), que cruzam as pontas. Sobre o cruzamento apoias a terceira vara. Podes também servir-te de uma vara apenas, que apoias num tronco de uma árvore (gravura II). Depois, cobres os lados com ramos de árvores, começando pelo fundo e dispondo os ramos uns em cima dos outros como se fossem chapas ou telhas de um telhado. Na base, em volta da cabana, pode ser feito um pequeno muro de terra, que a abrigará dos ventos.



GRAV. I



GRAV. II

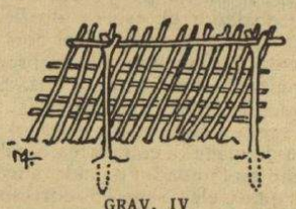
Podes também aproveitar duas árvores que estejam no mesmo plano e aproximadas. Atravessas uma vara e cobres, depois, com ramos de árvores, canas, palha ou feno, cabana esta que B.-P. ensina e nos diz ser usada pelos indígenas da Somália (gravura III).



GRAV. III

B.-P. aconselha também um abrigo de bivaque, de rápida construção, e que proporciona uma choça simples para acampamentos breves e em tempo bom. (Gravura IV).

Cravas no chão duas varas do tipo usado pelos caminheiros ou dois pequenos troncos que terminem em garfo, separados pela distância necessária ao tamanho da choça. Atravessas e apoias, nestas varas, uma outra. Apoias a esta vara, do lado do vento, uma série de outras varas ou canas, formando a parede de abrigo. Sobrepões travessas e cobres com ramos de árvores, fetos, palha, mato, etc. Se estiver frio, podes fazer uma fogueira a cerca de metro e meio de distância.



GRAV. IV

Em todos estes tipos de abrigo, deve-se ter em conta a direcção do vento, tal como se procede com o levantamento de tendas.

Resolvido o problema do abrigo, talvez perguntes: —E a cozinha? — Já sei que não estás disposto a jejuar, nem isso seria arte de escoteiro. Certamente, a vida de campo abre o apetite e necessitas da tua refeição. Assarás carne no espeto. Sabes como isso se faz. Repara na gravura V e ela te dirá aquilo que poderás ignorar.



GRAV. V

Para um acampamento desta natureza, terás de procurar um bosque ou serra, talvez distante das povoações. Nessas paragens será difícil obter pão. Todavia, o Escoteiro não vai dispensar esse alimento tão rico. Poderá ele mesmo fabricar o pão, para o que será portador da respectiva farinha, a não ser que a possa adquirir nalgum moinho que encontre na jornada. Baden-Powell também ensina processos de fabricar pão. Escuta-o:

«Para se fazer pão, bolos de farinha ou pão ázimo nas brasas, é costume misturar farinha com uma ou duas pitadas de sal e de pó de fermento, junta-se em monte e faz-se-lhe no meio uma covinha que se enche de água. Amassa-se tudo muito bem até formar bolo. Polvilham-se as mãos com farinha, para que se não lhes pegue a massa, e bate-se esta para lhe dar a forma de um pão grande ou de vários pães pequenos.

«Este processo é só próprio para pães pequenos».

«Outro processo a usar — diz B.-P. — consiste em cortar uma vara forte, afiá-la na ponta, descascá-la e aquecê-la no lume. Faz-se uma grande tira de massa com 5 cms. de largura e 1,5 de grossura, que se enrola em espiral pela vara abaixo. (Gravura VI). Coloca-se a vara junto do lume e deixa-se cozer a massas, dando, de quando em quando, uma volta à vara».



GRAV. VI

CONSTRUÇÃO DE UM FORNO

Mas podes mesmo possuir um belo forno em pleno campo. Vais construí-lo. O material será pedras e terra ou barro amassado. Se conseguires descobrir umas latas velhas ou um pedaço de folha, um resto de uma bilha ou cântaro, poder-te-ão prestar bom serviço. Repara na gravura VII. Os Escoteiro



GRAV. VII

construíram um fogão com duas fornalhas laterais, onde cozinham. No centro, está o forno que aquecido pelas fornalhas pode servir para cozer pão autêntico, desde que mantenhas as fornalhas com lume forte e constante.

Mas podes mesmo construir um pequeno forno. O cântaro ajudar-te-á a construir a abóbada, com uma pequena chaminé ao centro, mas bem recuada. Cobres muito bem a abóbada com barro amassado. Com uma folha velha arranjas uma porta para o forno. Deitas dentro caruma e lenha e pegas-lhe fogo. Quando estiver bem aquecido, retiras ràpidamente as cinzas, metes dentro o pão em massa, fechas hermèticamente, e no tempo conveniente terás o pão cozido.

A tua arte campista, servida pelo teu engenho, pode ainda descobrir mais vastas realizações. Mas não te esqueças: — o que caracteriza o acampamento escoteiro é, sobretudo, o teu ideal, a firme disposição de viver uma vida sã em contacto com a natureza. Por isso, no teu acampamento não entra o álcool nem o tabaco. Tu és Escoteiro.

Conclusões

Da I Conferência de Guias de Patrulha dos Grupos Evangélicos de Lisboa

Lisboa, 7 a 9 de Dezembro de 1956

1 — Os guias de patrulha devem colaborar entre si, não só com outros guias do mesmo grupo, como também com os guias dos outros grupos.

2 — Deve-se estimular a visita entre patrulhas, não só com o espírito de camaradagem, mas também para apreciação do trabalho das patrulhas que se visitam.

3 — Deve existir o intercâmbio escotista por correspondência com os guias de patrulha de diferentes Regiões.

4 — Deve-se criar uma reunião periódica dos guias de patrulha para discussão de ideias e planos de actividade de conjunto.

5 — O Guia de Patrulha deve ser o mais camarada dos seus escoteiros, tratando todos com amizade de verdadeiro irmão.

6 — Na boa camaradagem da patrulha, deve o guia ter sempre definida a sua posição de irmão mais velho, de orientador, de chefe.

7 — A disciplina na Patrulha não é imposta pelo Guia; é, sim, uma disciplina voluntàriamente aceite pelos escoteiros fiéis ao espírito de patrulha e interessados em cooperar, com inteligência e método, no trabalho colectivo.

8 — É indispensável o conselho de patrulha, porque resolve os problemas com o acordo de todos, estimula a familiaridade, contribui para a disciplina e faz com que os escoteiros, dentro dessa reunião, ponham em prática a Lei.

9 — Considera-se muito proveitoso o intercâmbio de visitas entre escoteiros e suas famílias, assistindo estas, de vez em quando, às reuniões ou aos acampamentos da patrulha, e esta, por sua vez, realizando reuniões periódicas e especiais em casa dos pais de um dos escoteiros.

10 — Os guias devem fomentar entre os seus escoteiros o verdadeiro espírito de patrulha, de maneira que possam vir a ser futuros guias e bons orientadores do grupo.

11 — Os escoteiros devem colaborar com o seu guia pois este é o conselheiro de toda a patrulha.

12 — O guia não só se deve preparar a ele próprio, cada vez mais, no aperfeiçoamento do trabalho, como também deve preparar o seu subguia, visto que este é o continuador do seu trabalho.

13 — O programa das actividades de campo deve ser preparado com antecedência na sede e em conselho de patrulha.

14 — Ao dirigir as instalações no campo, o guia deve providenciar para que todas elas sejam satisfatòriamente feitas, atendendo aos preceitos higiénicos, e zelar pela boa ordem dessa actividade, para que os escoteiros mantenham a boa disposição.

15 — Reconhece-se a vantagem dos jogos, devendo o guia conhecer uma boa variedade destes e incitar os escoteiros para que também os conheçam.

16 — Recomenda-se a realização de concursos inter-patrulhas.

17 — O primeiro dever do Guia é interpretar para o escoteiro o sentido da vida cristã, auxiliando-o no conhecimento de Deus.

18 — O guia deve sentir a sua profunda responsabilidade na orientação religiosa dos escoteiros através do seu testemunho, não estabelecendo polémica com os escoteiros de confissão diferente, acerca da sua fé.

19 — O guia deve ser o primeiro no cumprimento dos deveres religiosos.

20 — O guia terá uma intensa vida espiritual e deve aplicar na vida escoteira, na escola, no trabalho e na família, os princípios da sua fé religiosa e da promessa escoteira.

21 — Que a II Conferência de Guias de Patrulha dos Grupos Evangélicos de Lisboa se realize em 1, 2 e 3 de Novembro de 1957.

Lisboa, 9 de Dezembro de 1956

A Comissão Redactora de Conclusões

Comemorações do 1.º de Dezembro

Em Lisboa

Onze escoteiros, empunhando as bandeiras dos grupos da capital, sob o comando do chefe Armando Lino, depuseram um ramo de flores no momento dos Restauradores.

A Direcção da Fraternal dos Antigos Escoteiros, acompanhada de diversos membros daquela organização, também se reuniu junto daquele monumento, onde o seu Presidente, sr. dr. Tovar de Lemos, colocou um ramo de flores.

No Porto

Para comemorar a data do 1.º de Dezembro, a Região do Norte dos Escoteiros de Portugal, realizou uma concentração dos seus grupos na Praça da Batalha, desfilando pelas ruas da cidade até ao monumento do Infante D. Henrique.

Ali eram aguardados pelo delegado dos Serviços Centrais, sr. comandante Coutinho Lanhoso, o qual, depois de uma alocução patriótica proferida pelo escoteiro-chefe do Grupo 15, sr. Vidal dos Santos, colocou junto do monumento um lindo ramo de flores.

O sr. comandante Coutinho Lanhoso retirou-se, depois de ser saudado por todos os escoteiros, tendo estes regressado, em desfile, até à Praça da Batalha, onde dispersaram. Dirigiu o desfile o escoteiro-chefe do Grupo 44, sr. António Pinto Moreira, tendo comparecido os grupos 4, 15, 41, 44 e 91.

MÁQUINAS DE ESCREVER
SOMAR E CALCULAR
NOVAS E USADAS
VENDAS COM FACILIDADES DE PAGAMENTO
ALUGUER DE MÁQUINAS DE ESCREVER
OFICINA DE REPARAÇÕES
COM PESSOAL ESPECIALIZADO
ORÇAMENTOS GRÁTIS



QUINTINO, L.DA
RUA DA PRATA, 141, 2.º
TELEF. 36 73 73
LISBOA

I Conferência de Guias de Patrulha dos Grupos Evangélicos

(Conclusão da 6.ª página)

Guias de Patrulha, dirigida por uma Comissão Executiva constituída sòmente por jovens Guias, foi uma excelente oportunidade de trabalho e de estudo do Escotismo. Os Guias apresentaram as suas teses e discutiram-nas com uma elevação e objectividade que deixou verdadeiramente surpreendidos os dirigentes que de perto acompanharam os trabalhos. Sem dúvida, que os Guias aprenderam bastante durante estas sessões de estudo e trabalho, mas parece-nos que a maior lição foi para nós, dirigentes. Os Guias provaram de maneira categórica o valor do sistema de patrulhas e deram razão ao Fundador quando afirma que, se dermos responsabilidade aos guias, eles saberão corresponder à nossa confiança. Os resultados desta Conferência dão-nos a garantia de que a crise do Escotismo em Portugal é a consequência de não ser aplicado o Sistema de Patrulhas. Tão animados ficaram os Guias, que resolveram constituir uma patrulha de estudos que prosseguirá actividades regulares durante os próximos meses.

Esta experiência, que tão bons resultados deu, poderia ser seguida num mais vasto plano pelos Escoteiros de Portugal, certamente com iguais benefícios.